

Eles não Param de Chegar? A Emergência de Novos Padrões de Mobilidade Espacial da População em Macaé/RJ

Do They Keep Coming? The Emergence of New Spatial Mobility Patterns in Macaé/RJ

Faber Paganotoⁱ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Macaé, a “Capital do Petróleo”: uma terra de oportunidades, onde o emprego é farto e os *royalties* do petróleo engordam os cofres públicos. É assim que o município de Macaé tem sido retratado pela mídia, e foi a partir dessa imagem que milhares de migrantes escolheram a cidade como destino. Neste estudo investigou-se por que os números indicam uma redução dos fluxos migratórios em direção a Macaé enquanto algumas evidências apontam para o contínuo aporte de migrantes. Apontou-se a existência de novas formas de mobilidade espacial da população tendo Macaé como polo atrativo. Muito comum em realidades metropolitanas e associado à violência urbana e ao alto custo de vida, ganha força em Macaé o movimento pendular de trabalhadores residentes em municípios próximos, especialmente de Rio das Ostras. Além dos deslocamentos diários tradicionais, detectou-se nesta pesquisa outro tipo de pendularidade, estendida no espaço e no tempo, o “movimento pendular de longa distância”, associado, fundamentalmente, às características específicas do mercado de trabalho do setor de petróleo, bem como à flexibilização das relações de trabalho neste setor, com as terceirizações e subcontratações. Constatou-se, finalmente, uma significativa transitoriedade entre os migrantes, que continuam chegando à cidade em grande número, embora não fixem residência.

Palavras-chave: Mobilidade espacial, Pendularidade, Macaé/RJ.

Abstract: Macaé is the “Oil Capital” of Brazil: a city of opportunity, full of jobs and where royalties fatten public coffers or that is the image presented in the media that has attracted thousands of migrants to Macaé. This study investigated why people feel that migrants keep coming to Macaé even though recent statistics show that in-migration to the city has decreased. Also, new forms of spatial mobility of the population have emerged so that Macaé can be characterized as region of polar attraction. Commuting from neighbouring cities is a common pattern in metropolitan areas and in Macaé it is associated to the high cost of living and violence present there so that many workers have their residence elsewhere, especially Rio das Ostras. In addition to daily commuting, another kind was detected in the research: “long distance commuting”. This kind of commuting is associated basically to specific characteristics of the labour market in the oil sector involving periods on the platforms interspaced with periods off duty on

ⁱ Doutorando em Geografia do Programa de Pós-graduação em Geografia. faberpaganoto@gmail.com.

the mainland as well as outsourcing practices. A third trend noted was the presence of a significant number of transients, who keep coming to the city in large numbers but do not lay residence.

Keywords: Spatial mobility, Commuting, Macaé/RJ.

Em meio à Crise Emerge uma Cidade

Ao se lançar um olhar à porção norte do estado do Rio de Janeiro, considerando seu passado recente em duas escalas distintas, a da região Norte Fluminense e a do município de Macaé, vislumbra-se um nítido e peculiar contraste de dinâmicas econômicas, que, como consequência, refletiu-se em igualmente contrastantes quadros socioespaciais.

À década de 1970, observou-se o ápice do processo de modernização agrícola no Brasil, traduzida no Norte Fluminense em mecanização da lavoura canavieira e automação da indústria sucroalcooleira. Isso, somado ao maior dinamismo do setor sucroalcooleiro paulista, que impôs forte concorrência às usinas fluminenses, resultou num quadro bastante desanimador para o trabalhador rural do norte do estado do Rio de Janeiro. Aos que se mantiveram no campo restavam os baixíssimos salários e o trabalho desgastante. Aos muitos que perderam seus empregos restava a periferia das cidades da região, entre as quais se destacou Campos dos Goytacazes, ou a periferia de centros metropolitanos mais distantes, como o Rio de Janeiro.

Concomitantemente, avançavam as buscas por campos petrolíferos, iniciadas pela Petrobras já há algumas décadas, na região da Bacia de Campos. Em 1974, a descoberta do campo Garoupa acelerou o processo de exploração do petróleo na região, e embora ainda não fosse muito mais que uma vila de pescadores, Macaé foi a cidade escolhida para sediar as operações da Petrobras na região da Bacia de Campos a partir de 1979. Dali em diante o desenvolvimento do município de Macaé seguiria em trajetória bastante distinta da apresentada pela região Norte Fluminense de forma geral (CRUZ, 2003).

Na década de 1980, embora o país e o estado do Rio de Janeiro vivessem um período de recessão econômica, as descobertas na Bacia de Campos estimularam fortes investimentos estatais concentrados em Macaé (NATAL, 2001). No setor secundário, por exemplo, enquanto o estado do Rio de Janeiro apresentou uma perda de 5,5% de postos de trabalho, Macaé apresentou crescimento de 27,2%. No setor de serviços o crescimento do número de postos de trabalho foi ainda mais expressivo em Macaé: 106% no período, contra uma perda de 14,8% de postos de trabalho no estado do Rio de Janeiro.

Em agosto de 1997, a Petrobras perdeu o monopólio que detinha para a exploração e produção de petróleo no Brasil. Com a quebra do monopólio, o mercado brasileiro abriu suas portas para o capital estrangeiro, e em dezembro de 2002 já havia cerca de quarenta empresas instaladas no país. Em Macaé passou a ser comum cruzar com pessoas vestindo macacões com bandeiras estrangeiras bordadas no braço, acompanhadas por nomes como Halliburton, Schlumberger ou Liebherr.

Outro período de fortes investimentos em Macaé foi o que se seguiu à crise energética vivida pelo país no ano de 2001. Como alternativa à produção hidrelétrica, frente aos baixos níveis apresentados pelos reservatórios das usinas hidrelétricas depois de um verão de chuvas escassas, o governo brasileiro estimulou a construção de usinas termelétricas. Com obras iniciadas em abril de 2001 e tendo sido inaugurada em novembro do mesmo

ano, a Usina Termelétrica Macaé Merchant, da El Paso International do Brasil, representou um investimento de 450 milhões de dólares e a geração de 2,5 mil empregos diretos durante o período de construção, segundo a Secretaria Estadual de Energia, Indústria Naval e Petróleo.

Desde o final da década de 1970, portanto, enquanto a economia de grande parte dos municípios da região Norte Fluminense (incluindo-se os municípios que atualmente integram a chamada região Noroeste Fluminense) entrou em declínio, Macaé ganhou dinamismo econômico, atraiu investimentos, ganhou destaque em nível nacional e internacional e transformou-se numa forte área de atração de migrantes das mais diferentes procedências. Migrantes regionais, destituídos da terra ou sem emprego no campo; migrantes de grandes centros metropolitanos do Brasil, especialmente os atuantes na área de petróleo, atraídos pelo crescimento desse setor no município; e migrantes internacionais, transferidos pelas empresas multinacionais do setor de petróleo.

O resultado dos acontecimentos que marcaram Macaé a partir da década de 1970 sobre a dinâmica populacional pode ser observado no figura 1. O crescimento da população macaense foi de apenas 19,3% entre 1970 e 1980. No entanto, a partir dos anos 1980 o ritmo de crescimento acelerou-se, atingindo seu ápice na década de 1990, quando a população apresentou crescimento de 41,4%.

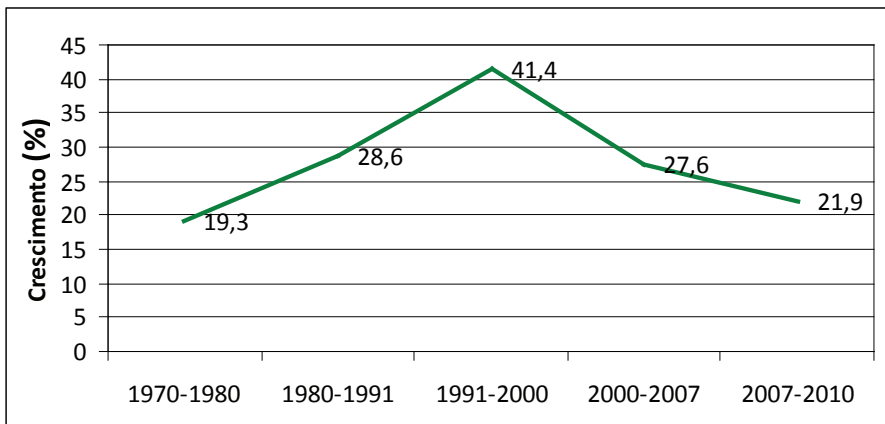


Figura 1 – Ritmo de crescimento populacional no município de Macaé, 1970-2010.

Fonte: Censos Demográficos 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 do IBGE e Contagem Rápida da População 2007.

Ainda que o último Censo Demográfico brasileiro date de 2010, os dados referentes à mobilidade espacial da população começarão a ser divulgados apenas no segundo semestre de 2012. Apenas a partir de então será possível refletir sobre possíveis mudanças dos padrões observados neste estudo. Assim, serão considerados aqui os dados censitários do Censo Demográfico 2000.

Em 2000, Macaé apresentava uma população de 132.461 habitantes, aproximadamente 1/5 do total de habitantes da região Norte Fluminense e menos de 1% da população do estado do Rio de Janeiro (Tabela 1). Desse total, mais de 46% eram migrantes, um percentual muito mais elevado que o da região Norte Fluminense (22,43%) e o do estado do Rio de Janeiro (34,94%).

Tabela 1 – População total e população migrante no estado do Rio de Janeiro, na região Norte Fluminense e no município de Macaé em 2000.

Recorte Espacial	População Total	População Migrante	Percentual de migrantes
Rio de Janeiro	14389442	5028157	34,94
Norte Fluminense	697843	156528	22,43
Macaé	132461	61019	46,07

Fonte: Microdados do Censo Demográfico 2000, IBGE.

O IBGE, adotando uma definição de migrante comum na literatura, considera migrante apenas o indivíduo que realizou deslocamento intermunicipal nos dez anos anteriores ao recenseamento. Dessa forma, todos os indivíduos que chegaram a Macaé antes de 1990 não foram considerados como migrantes na divulgação dos dados do Censo Demográfico 2000. Nos dados da Tabela 2, no entanto, estão contabilizados todos os indivíduos que chegaram a Macaé em qualquer momento e que lá foram recenseados no ano de 2000.¹

Na Tabela 2 estão especificados os migrantes por tempo de residência em Macaé. Verifica-se que dos mais de 130 mil habitantes em Macaé no ano 2000, cerca de 10% chegaram ao município nos dois anos anteriores ao recenseamento, e que aproximadamente 38% deles chegaram e permaneceram no município desde o início dos anos 1980.

Tabela 2 – População migrante por tempo de residência no município de Macaé em 2000.

Munic.	Pop. Total	Tempo de Residência no Município									
		Sempre Morou no Município	%	Até 2 anos	%	3 a 10 anos	%	11 a 20 anos	%	21 anos e mais	%
Macaé	132461	70574	53,28	13600	10,27	21704	16,39	15388	11,62	10327	7,8

Fonte: Microdados do Censo Demográfico 2000, IBGE.

Os migrantes não param de chegar?

“Os migrantes não param de chegar” é o que se ouviu de todas as pessoas que foram entrevistadas no município de Macaé quando questionadas sobre sua percepção em relação ao crescimento da cidade. Secretários, subsecretários e assessores das secretarias municipais de Planejamento, Trabalho e Renda, Assistência Social e Indústria e Comércio dão depoimentos que reforçam essa visão.

Durante os trabalhos de campo realizados para esta pesquisa constatou-se como é raro encontrar macaenses em Macaé. De um total de 37 entrevistados, apenas dois eram macaenses. E dos 35 restantes, três residiam em Macaé há mais de dois anos, dezoito há menos de dois anos – sendo que destes, nove haviam chegado a Macaé há menos de quatro meses – e quatorze trabalhavam em Macaé, embora residissem em outro município.²

A coordenadora de eventos e gerente plantonista do Hotel Atlântica Comfort Suítes informou que dos 28 funcionários do hotel, 26 são migrantes, a maior parte deles de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo. Situação semelhante foi encontrada na loja da

rede de drogarias Pacheco, localizada no centro de Macaé, onde a gerente informou que nenhum dos 24 funcionários é nativo do município, e no restaurante Varandas, localizada na praia de Cavaleiros, onde o gerente afirmou que dos oito funcionários, apenas dois são macaenses. Esses são apenas alguns exemplos.

A população em geral, os políticos, os empresários locais e a mídia são unânimes ao afirmar que a migração vem crescendo. No entanto, a redução do ritmo de crescimento populacional no período 2000-2007 em relação ao período 1991-2000 aponta para o desaquecimento da atração migratória de Macaé.³ Será, portanto, falsa a impressão de que há cada vez mais migrantes chegando a Macaé? O que poderia explicar essa aparente contradição?

Migrantes Transitórios

É possível sugerir a existência de uma forte transitoriedade dos migrantes como um dos fatores que ajudam a entender por que a população em geral tem a sensação de que a migração em direção ao município continua intensa, embora os números pareçam contradizê-lo. Essa transitoriedade está relacionada tanto ao perfil da população que chega ao município quanto a características específicas do mercado de trabalho do petróleo.

Atraídos pela mídia ou motivados por parentes e amigos que já residem em Macaé, a maioria dos indivíduos que chega ao município tem como motivação principal a busca por emprego. Segundo levantamento realizado junto ao cadastro de atendimentos da Secretaria Municipal de Assistência Social, 89,7% dos migrantes que buscaram assistência ao longo do ano de 2006 alegavam ter migrado para Macaé com esse objetivo. No entanto, segundo a Secretaria Municipal de Trabalho e Renda, apenas 15% dos migrantes são absorvidos pelo setor do petróleo, em função, principalmente, de este ser um setor altamente seletivo no que se refere à exigência de qualificação profissional.⁴

Ainda que os demais consigam ocupação no setor de comércio e serviços, segundo a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, os salários pagos por esses estabelecimentos não são maiores que aqueles pagos pelo setor em outros municípios. Assim, torna-se bastante difícil sustentar a residência em uma cidade onde o custo de vida é altíssimo, e muitos migrantes, como consequência, retornam aos municípios de origem ou partem para outras cidades antes mesmo de serem contabilizados por uma pesquisa censitária.

Rogério Santos de Souza, presidente da Associação de Moradores do Bairro Ajuda de Baixo, diz que quando o migrante vem de estados distantes, como Pernambuco e Bahia, mesmo depois de descobrir que a imagem passada pela mídia não confere com a realidade, ou seja, mesmo depois de perceber ser muito difícil conseguir ocupações bem remuneradas em Macaé, a maioria deles fica.

“O custo de retorno é muito alto e, fazendo algum biscate como ajudante de pedreiro ou vendedor ambulante, é possível pagar o aluguel de uma quitinete.”

Rogério diz que nos últimos anos cresceu muito o número de casas de um cômodo e que é bastante comum que várias famílias dividam o mesmo teto. No caso dos migrantes oriundos de municípios próximos – a maioria absoluta, segundo ele –, a situação muda bastante.

“O pessoal que vem de Italva e Itaperuna, por exemplo, não dura muito tempo; descobre logo que a vida em Macaé não é fácil e volta pra casa ou então vai tentar emprego em Rio das Ostras.”

A diretora da Escola Municipal Maria Isabel Damasceno Simão, localizada no centro de Macaé, diz que um dos grandes problemas da escola é conviver com públicos muito diferentes a cada ano. Segundo ela, a rotatividade dos alunos é altíssima, e mais da metade deles se renova todos os anos. Perguntada sobre o que poderia explicar esse fenômeno, a diretora fala, com naturalidade, que “a população macaense não é fixa, vive em rodízio. Muita gente chega, matricula os filhos na escola, se desilude com a cidade e no ano seguinte vai embora”.

Regina Jerônimo, funcionário do Departamento de Comunicação do Sindicato dos Petroleiros do Norte Fluminense (Sindipetro – NF), diz ter a sensação de que os grandes surtos migratórios ocorrem imediatamente após algum destaque dado à cidade pela mídia. Lembra especialmente de uma reportagem veiculada pelo programa *Fantástico*, da TV Globo, em 2006, que falava de um pedreiro que ficou milionário em Macaé. “Desde então, todos os pedreiros do Brasil vieram procurar ouro em Macaé”, afirmou.

Além do custo de vida elevado, potencializado pelos baixos salários, outros elementos desestimulam a permanência desse migrante em Macaé. À população que chega a Macaé sem condições de pagar por alojamento e alimentação, uma das alternativas é a utilização da estrutura que atende à população de rua e à população mais pobre de Macaé: o Albergue Municipal Bezerra de Menezes e um restaurante popular com refeições subsidiadas, que custam R\$1,00 para o cidadão. Entretanto, o albergue, que não passa por reformas desde sua criação há cerca de cinquenta anos, não tem estrutura para atender a demanda crescente de desabrigados. Além disso, funciona apenas em dias úteis, a partir das 18h. O restaurante popular também só funciona nos dias úteis.

A Prefeitura Municipal de Macaé não tem planos de melhorar a assistência ao migrante com esse perfil. Pelo contrário, entre as estratégias que vêm sendo desenvolvidas pela prefeitura, com o objetivo de desestimular a chegada de migrantes em Macaé, destaca-se a nova Lei do Passe Livre (Lei n. 2.919/2007), que garante o transporte gratuito nos ônibus municipais exclusivamente aos idosos e deficientes que residirem no município há mais de dois anos. Além disso, algumas secretarias estão propondo incluir como critério para a concessão da gratuidade no transporte municipal a transferência do título de eleitor para Macaé. Estuda-se implementar critérios semelhantes em outros programas, como o das casas populares, de modo que se evite privilegiar o migrante recente em detrimento do município ou do migrante estabelecido há mais tempo.

Há, ainda, o Programa Volta Pra Casa, da Secretaria Municipal de Assistência Social, que consiste na concessão de passagens de retorno para o migrante que busca assistência na Secretaria.⁵ Segundo a Secretaria Municipal de Assistência Social, a existência do Programa Volta Pra Casa é reflexo do alto grau de mendicância no município, que inclui estrangeiros, como bolivianos e paraguaios.

O mercado do petróleo também possui características que contribuem para a existência de uma elevada transitoriedade entre os migrantes, como a prática de contratos temporários. Embora não apresente números, o Sindipetro – NF afirma que o número de empregados concursados na Petrobras é inferior ao número de contratados temporários. Esses empregados na verdade não possuem vínculo com a Petrobras, e sim com as empresas que prestam serviços a ela.

Essas empresas são contratadas mediante licitação para prestarem serviços por um período determinado. São os chamados “projetos”. Esses projetos têm duração que varia

entre dois e cinco anos. Ao vencer uma licitação, a empresa terceirizada ou transfere funcionários de outras unidades da empresa para Macaé ou seleciona novos funcionários, contratados pelo tempo de duração do projeto com a Petrobras.

Ao término do projeto a empresa pode ter o contrato renovado ou não. Nos casos em que não se renova o contrato, os funcionários alocados em Macaé são remanejados para outras unidades da empresa prestadora do serviço, e os contratados temporariamente têm seus contratos vencidos. Para estes, o retorno aos municípios de origem é bastante comum, segundo Hélio Marques Guerra, diretor do Departamento de Trabalhadores em Empreiteiras do Sindipetro – NF.

Ainda segundo Hélio Marques Guerra, o número de empresas ligadas ao setor de petróleo cresceu, elevando a oferta de empregos, mas tornando o mercado de trabalho mais competitivo. “Junto às empresas chegam migrantes altamente qualificados, deixando aqueles que já estavam aqui e que não buscaram atualização mais suscetíveis ao desemprego”, conclui.

Há que se considerar também que muitos dos ditos migrantes vistos pelas ruas de Macaé estão ali prestando consultorias ou serviços breves, especialmente no caso dos estrangeiros. Embora seja conhecida pelo expressivo volume de estrangeiros que transitam pela cidade, são poucos aqueles que fixam residência no município (Gráfico 2). Em 2000 foram recenseados apenas 392 migrantes estrangeiros, contra 6.494 migrantes de origem interestadual e 11.207 migrantes oriundos do estado do Rio de Janeiro.

Sobre os migrantes de origem intraestadual, estudos anteriores mostram que 3.218 deles, ou 28,7%, residiam anteriormente em municípios da região Norte Fluminense, e 2.895, ou 25,8%, no município do Rio de Janeiro. E, se por um lado os migrantes intraestaduais estão presentes em maior quantidade em Macaé, por outro, foram as migrações internacional e interestadual as que apresentaram o maior crescimento relativo entre 1995 e 2000. Enquanto o crescimento do volume de migrantes intraestaduais foi de apenas 21,2% no período, as migrações internacional e interestadual cresceram 62% e 49,6%, respectivamente (PAGANOTO, 2005).

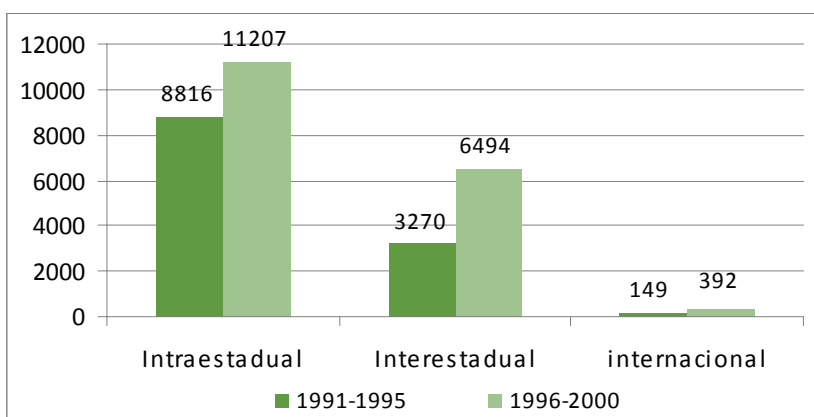


Figura 2 – Migrantes em Macaé segundo origem intraestadual, interestadual e internacional.

Fonte: Paganoto (2005) (Dados brutos: IBGE, 2000).

Migrantes Pendulares

Se uma pessoa circula pelas ruas de uma cidade frequentando restaurantes e lojas em geral e trabalhando diariamente em algum estabelecimento daquele lugar, é natural que os moradores dessa cidade o percebam enquanto habitante, ainda que ao final do dia essa pessoa volte para sua residência em algum município próximo. Se o caso hipotético descrito for vivido não por uma pessoa, mas por um grupo significativo de pessoas, então a percepção desse grupo pelos habitantes da cidade em questão será ainda mais nítida.

Em Macaé, o volume de pessoas que circula pelas ruas da cidade porque lá trabalham, embora residam em outros municípios, não é desprezível. Em 2000, segundo o IBGE, 494 pessoas frequentavam o município de Macaé para estudar, e outras 15.299 pessoas frequentavam o município para fins de trabalho. Assim, 40,47% das vagas disponíveis no mercado de trabalho macaense (37.975) eram ocupadas por pessoas não residentes no município.

Muito comum em áreas metropolitanas, embora não restrito a esses espaços, esse deslocamento para fins de trabalho ou estudo é conhecido como “migração pendular”. No Brasil, envolvia, em 2000, 7,4 milhões de pessoas (OLIVEIRA, 2006).

Segundo Beaujeu-Garnier (1980), os deslocamentos pendulares têm em comum “apreciável extensão, uso de alguns meios de transporte mecânicos e certo grau de convergência”, e de acordo com Frey e Speare Jr. (1995), sua ocorrência em elevado grau deve ser considerada como o principal indicador para a definição de áreas metropolitanas.

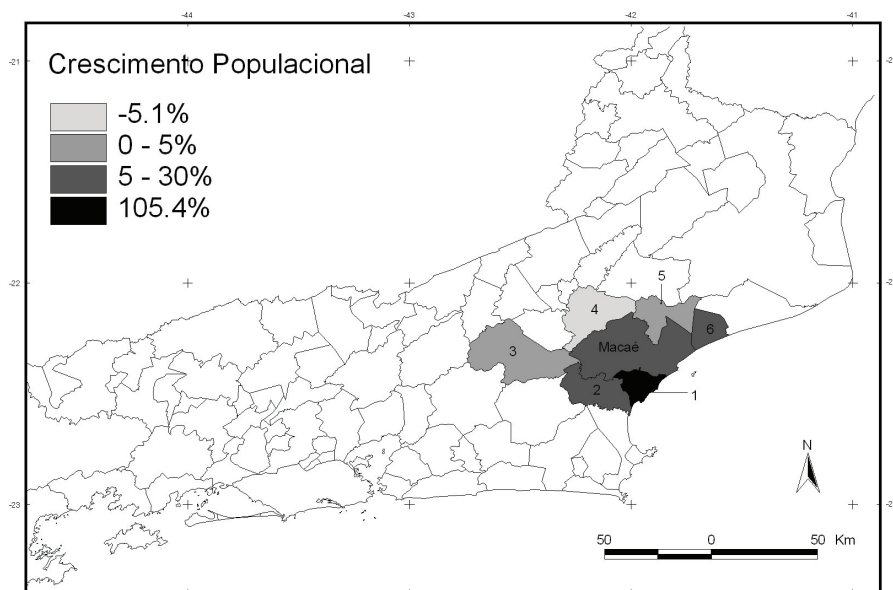
Em Macaé, no entanto, o movimento pendular guarda algumas particularidades.

Migrantes Pendulares Clássicos

Já em 1986, data da publicação de um relatório intitulado “Condições de Vida e Trabalho em Macaé” pela Petrobras, o principal problema, segundo a população recém-chegada ao município, era o alto custo dos aluguéis e dos imóveis. Conforme o relatório, um engenheiro, cujo salário líquido em 1986 era equivalente a Cz\$ 9.500,00, pagava Cz\$ 4.000,00, ou 42% do seu ordenado, pela locação de um apartamento de 40m² sem área de serviço e sem garagem.

Naquela conjuntura, a situação era explicada pelo aumento da especulação imobiliária e pela baixa oferta de moradias. Atualmente o problema persiste, e o motivo é o mesmo. Segundo o assessor de gestão da Secretaria Municipal de Planejamento, ainda que a oferta seja grande, não atende à demanda gerada por novos moradores e investidores.

O elevado custo de moradia em Macaé tem provocado uma procura cada vez maior por imóveis, para compra ou locação, em cidades próximas, especialmente em Rio das Ostras, e isso se reflete em acelerado crescimento populacional desses municípios, sugerindo que alguns deles estejam desempenhando o papel de diques populacionais, ou seja, absorvendo parte da população migrante que antes se dirigia diretamente para Macaé (Figura 3 e Tabela 3).



1 - Rio das Ostras; 2 - Casimiro de Abreu; 3 - Nova Friburgo; 4 - Trajano de Moraes; 5 - Conceição de Macabu; 6 - Carapebus

Figura 3 – Crescimento populacional dos municípios limítrofes a Macaé no período 2000-2007.

Fonte: Organizado pelo autor a partir de microdados do Censo Demográfico 2000.

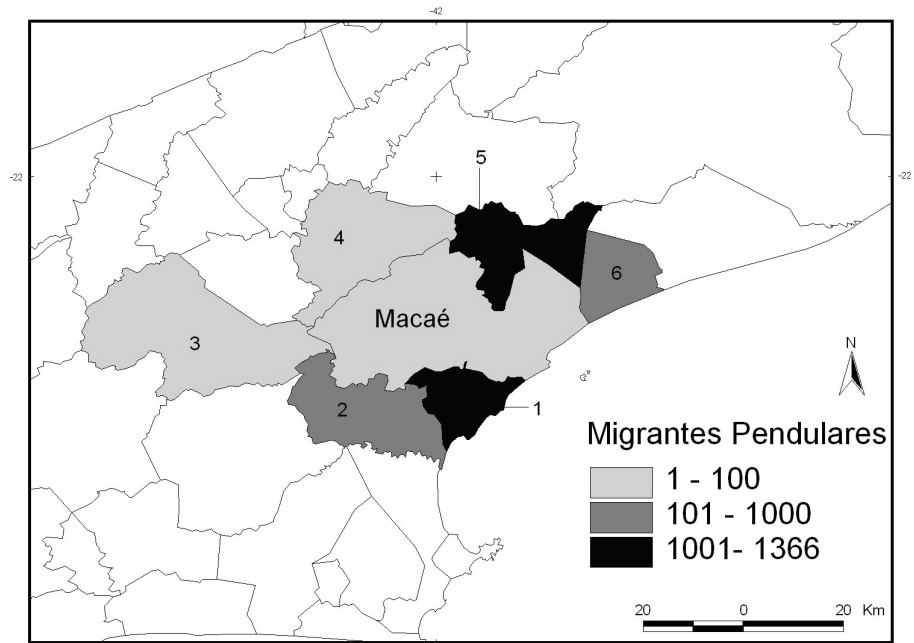
Tabela 3 – Crescimento populacional dos municípios limítrofes a Macaé no período 2000-2007.

Municípios	População em 2000	População em 2007	Crescimento no período
Macaé	132461	169229	27,7
Rio das Ostras	36419	74789	105,3
Casimiro de Abreu	22152	27086	22,2
Nova Friburgo	173418	177376	2,3
Trajano de Moraes	10212	9687	-5,1
Conceição de Macabu	18872	19541	3,5
Carapebus	8666	10677	23,2

Fonte: Censo Demográfico 2000 e Contagem Rápida da População 2007, IBGE.

Uma das consequências desse crescimento populacional é que o deslocamento pendular diário entre esses municípios e Macaé se intensificou muito. Entre Rio das Ostras e Macaé, por exemplo, os cerca de 20km que separam o centro dessas cidades, percorridos há algum tempo em pouco mais de quinze minutos, são percorridos atualmente, nos horários de pico, em cerca de uma hora, segundo relatam os habitantes de ambos os municípios. Às 7h da manhã os ônibus que seguem de Rio das Ostras para Macaé passam abarrotados de pessoas, ainda que tenham partidas com intervalos de apenas quinze minutos.⁶ Os que realizam o movimento contrário ficam vazios até as 17h, quando o movimento de retorno começa.

A figura 4 mostra o número de migrantes pendulares que trabalhavam ou estudavam em Macaé e residiam em municípios limítrofes no ano de 2000.



1 - Rio das Ostras; 2 - Casimiro de Abreu; 3 - Nova Friburgo; 4 - Trajano de Moraes; 5 - Conceição de Macabu; 6 - Carapebus

Figura 4 – Migrantes pendulares em Macaé com origem em municípios limítrofes a Macaé, 2000.

Fonte: Organizado pelo autor a partir de microdados do Censo Demográfico, 2000.

Migrantes Pendulares de Longa Distância

Há em Macaé outro tipo de mobilidade espacial da população, caracterizado por deslocamentos de longa distância para trabalho ou estudo. Pessoas residentes em 201 municípios, além dos seis que fazem fronteira com Macaé, indicaram este município como seu local de trabalho ou estudo quando perguntados durante o recenseamento realizado pelo IBGE em 2000.

Entre as áreas de residência dos maiores volumes de migrantes pendulares de longa distância com destino a Macaé encontram-se municípios bastante distantes, como as cidade do Rio de Janeiro e de Nova Iguaçu, e, ainda, municípios de outros estados, como Vila Velha, no Espírito Santo, e Salvador, na Bahia.

A fim de tentar compreender a existência desses deslocamentos entre pontos tão distantes do território nacional, e tendo-se verificado que a maioria desses deslocamentos é realizada para fins de trabalho, os migrantes pendulares de longa distância foram separados de acordo com o setor de atividade econômica em que estão ocupados.

Foi verificado que, em números absolutos, a maioria deles desenvolve atividades nos setores de indústria extrativa (3.347) e indústria de transformação (2.142). Observou-se

também que em alguns municípios, apesar de serem poucos os migrantes pendulares de longa distância, estes se concentram na indústria extrativa. Percebeu-se, ainda, que há alguns municípios cujos migrantes pendulares de longa distância desempenham, fundamentalmente, serviços domésticos.

Entre os municípios de residência dos maiores volumes de migrantes pendulares de longa distância ocupados na indústria extrativa destacam-se Campos dos Goytacazes e Rio de Janeiro, além de municípios de outros estados, como Salvador, Catu e Alagoinhas, da Bahia; Vila Velha, Cariacica e São Mateus, do Espírito Santo; Belém, do Pará; e Aracaju, do Sergipe. Entre esses municípios, aqueles em que o peso dos ocupados na indústria extrativa é maior são bastante distantes de Macaé: Natal, Alagoinhas e Salvador.

A distância que separa Macaé da maioria dos municípios onde residem pessoas que trabalham lá indica que esses migrantes pendulares de longa distância não realizam esse movimento diariamente. Assim, os dados sugerem a existência de um fluxo pendular que não só tem ampliada sua escala espacial de deslocamento, como também apresenta uma escala temporal de pendularidade estendida.

Entre os trabalhadores do setor de petróleo que trabalham embarcados nas plataformas esse deslocamento pendular obedece à escala de trabalho característica dessa ocupação. Em entrevista concedida à Revista *TN Petróleo* n.13 (2000), o engenheiro Carlos Eduardo Sadenberg Bellot, gerente geral de Exploração e Produção da Bacia de Campos, afirmou que dos quase sete mil empregados da Petrobras em Macaé naquele ano, apenas 2.410 moravam na cidade. Como o regime de trabalho nas plataformas, onde trabalham cerca de 3.500 empregados, é de quatorze dias de trabalho por 21 dias de folga, a maior parte deles arca com as próprias despesas de transporte e opta por continuar residindo com suas famílias em algumas capitais do país. Assim, além de não movimentarem diretamente a economia local, sequer são recenseados enquanto migrantes, já que não mantêm residência no município.

Essa pendularidade estendida no espaço e no tempo ajuda a compreender uma característica marcante do mercado imobiliário em Macaé. Segundo Osni Soares, corretor da ZML Imóveis, a maior demanda no mercado imobiliário em Macaé é por apartamentos de apenas um quarto, já que a maioria dos ocupantes fica apenas durante a semana em Macaé, sem a família. Segundo Osni, é raro que as construtoras invistam em apartamentos grandes, e como a maioria dos locadores de imóveis está em Macaé a trabalho contratado temporariamente, é igualmente raro que os contratos de aluguel se estendam por mais de três anos.

Outra peculiaridade dos movimentos pendulares com destino a Macaé diz respeito ao perfil desses migrantes. Enquanto os migrantes pendulares, de forma geral, tendem a desenvolver atividades que exijam baixa qualificação (LEVINSON, 1998), o mesmo não se observa em Macaé. Em seu estudo sobre pendularidade na região metropolitana do Rio de Janeiro, Jardim (2007) constatou que 72,4% dos migrantes pendulares com destino ao Rio de Janeiro estavam ocupados, em 2000, na prestação de serviços, na administração, na produção e no comércio de bens e serviços, evidenciando as condições de pobreza da maioria dos migrantes pendulares no contexto da metrópole fluminense. Em Macaé, encaixam-se nesse perfil apenas 32,62% dos migrantes pendulares.

Considerações Finais

Todo o destaque dado pela mídia, que caracteriza Macaé como uma cidade de oportunidades, um eldorado de empregos, refletiu-se, não surpreendentemente, em uma forte atração de população migrante. Migrantes de todas as partes do país e do mundo passaram a disputar com os municípios as vagas que se abriam no mercado de trabalho.

Com um mercado de trabalho em expansão, e estando o trabalhador migrante em posição de vantagem na disputa por essas vagas devido ao maior nível de escolaridade apresentado, uma consequência esperada deveria ser a contínua chegada de migrantes e sua fixação em Macaé, resultando em ritmos cada vez mais rápidos de crescimento populacional numa cidade que cresce mais pelo número de pessoas que atrai do que pelo número de pessoas que gera. Não foi o que aconteceu. Entre 2000 e 2010 Macaé voltou a crescer num ritmo semelhante ao apresentado na década de 1980, depois de um período de crescimento mais intenso na década de 1990. Ainda assim, se é difícil encontrar macaenses em Macaé, ao contrário, é muito fácil ouvir sotaques estrangeiros e de outras regiões do Brasil, além de identificar pessoas pouco acostumadas com a cidade em função do curto tempo de residência.

Alguns fatores ajudam a entender por que se tem a sensação de que a migração em direção ao município continua intensa, embora os dados sugiram o contrário: a transitoriedade dos migrantes, os diques populacionais representados pelos municípios do entorno e algumas mudanças recentes na prática de contratação de trabalhadores do setor de petróleo.

Existe em Macaé uma notada transitoriedade entre os migrantes. Assim, o contínuo aporte migratório é parcialmente compensado pela saída de população do município por motivos diversos. Em primeiro lugar destaca-se o retorno de parte da população migrante de baixa renda para seus locais de origem, pois, ao não conseguir empregos bem remunerados, encontra grande dificuldade em sustentar o elevado custo de vida em Macaé, especialmente pelo alto valor dos aluguéis. Contribui também para a transitoriedade dos migrantes a prática de licitação de projetos e de contratação temporária, característica do setor de petróleo. Ao término de um projeto de prestação de serviços, parte dos funcionários deslocados por uma empresa terceirizada é realocada em seus postos de origem ou em outro município, e aqueles contratados temporariamente, ao findar seus contratos, costumam, do mesmo modo, deixar Macaé.

Além dos que deixam Macaé em direção aos municípios do seu entorno, há aqueles que nem mesmo chegam a fixar residência na cidade. Apesar de chegarem à região atraídos pela possibilidade de conseguirem empregos em Macaé, estabelecem-se em municípios próximos, entre os quais se destaca Rio das Ostras, que apresentou crescimento populacional de 105% entre 2000 e 2007. A escolha por esses municípios, nos dois casos, é motivada não apenas pelo custo de vida mais baixo, mas sobretudo pela busca de uma melhor qualidade de vida, longe da violência crescente de Macaé, 15ª cidade mais violenta do país, segundo o Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros, divulgado pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana em 2008.

Práticas mais recentes no que diz respeito aos contratos temporários do setor de petróleo também contribuem para o entendimento da redução do ritmo de cresci-

mento populacional. Se antes a Petrobras costumava contratar empresas terceirizadas para projetos com duração média de dois anos, nos últimos anos tornaram-se cada vez mais comuns os projetos de cinco anos de duração. Há, assim, uma menor renovação da mão de obra contratada temporariamente. Além disso, embora muitas empresas deixem a cidade após o término dos projetos, tornou-se uma prática da Petrobras indicar funcionários contratados temporariamente em outros projetos e por outras empresas ao contratar uma nova empresa para um novo projeto. Dessa forma, a renovação dos funcionários contratados tende a ser menor do que a renovação das empresas contratadas.

Também foram observados em Macaé outros tipos de mobilidade para além da migração. O movimento pendular, muito comum no contexto de áreas metropolitanas, começa a se desenhar no entorno de Macaé, ultrapassando os limites da pendularidade clássica, diária e de curta distância, ganhando novos contornos, com novas escalas temporais e espaciais de deslocamento.

Sobre o movimento pendular clássico, observou-se que já era grande em 2000 o número de pessoas residentes em municípios vizinhos que realizavam deslocamentos para trabalharem em Macaé. Desde então, o volume de pessoas que realiza o movimento cresceu significativamente, especialmente entre Macaé e Rio das Ostras, o que tem refletido em intensos congestionamentos pela manhã, no sentido Macaé, e no fim da tarde, no sentido Rio das Ostras.

Entre os mais de duzentos municípios onde residem pessoas que trabalham em Macaé não há apenas municípios vizinhos. Ajudam a engrossar a lista lugares tão distantes quanto Curitiba e Porto Alegre, na região Sul, ou Salvador e Aracaju, no Nordeste. Entre as pessoas que realizam esse movimento pendular de longa distância destacam-se os trabalhadores da indústria extrativa, sugerindo que essa forma de mobilidade está intimamente relacionada ao setor de petróleo, onde grande parte dos trabalhadores desenvolve suas atividades em escalas de trabalho características, alternando duas semanas de trabalho com três semanas de folga e permitindo uma média de apenas dez deslocamentos anuais para Macaé.

A divulgação dos dados de mobilidade coletados pelo Censo Demográfico 2010, estimada para o segundo semestre de 2012, permitirá o desenvolvimento de novas reflexões a fim de verificar se a tendência delineada na década de 1990 foi consolidada no início do século XXI ou se, ao contrário, Macaé voltou a reter os imigrantes que recebe.

Referências Bibliográficas

BEAUJEU-GARNIER, J. *Geografia da população*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

CRUZ, J. L.V. Projetos nacionais, elites locais e regionalismo – desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense. Rio de Janeiro, 2003. *Tese* (doutorado). UFRJ/IPPUR.

FREY, W. H.; SPEARE Jr., A. Metropolitan Areas as Functional Communities. In: DAHMAN, D. C.; FITZSIMMONS, J. D. (eds.). *Metropolitan and Nonmetropolitan Areas*:

New Approaches to Geographical Definition. Washington, DC: Population Division/US Bureau of the Census, September 1995, p.139-90 (Working paper, n.12).

JARDIM, A. P. Algumas reflexões sobre o estudo das migrações pendulares. V Encontro Nacional Sobre Migrações. *Anais...* ABEP: Campinas-SP, 15 a 17 de outubro de 2007.

LEVINSON, D. M. Accessibility and Journey to Work. *Journal of Transport Geography*. Volume 6, issue 1, march 1998, p.11-21.

NATAL, J. L. *Revisitando o "Rio de todas as crises" – economia, espaços e classes sociais*. Rio de Janeiro, 2001, p.1-13. Mimeografado.

OLIVEIRA, A. T. R. Dos movimentos populacionais à pendularidade: uma revisão do fenômeno migratório no Brasil. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. *Anais...* ABEP: Caxambu-MG, 22 a 26 de setembro de 2006.

PAGANOTO, F. Migrantes ricos e migrantes pobres: a herança da economia do petróleo em Macaé/RJ. IV Encontro Nacional sobre Migrações. *Anais...* Rio de Janeiro, 2005.

REVISTA TN PETRÓLEO. Entrevista Exclusiva. *Revista TN Petróleo*, n.13. Macaé, 2000.

Recebido em 07/04/2010

Aceito em 24/04/2012

1 Para chegar a esses valores foram cruzadas as variáveis relativas à naturalidade do indivíduo e ao tempo de residência no município onde foi realizado o recenseamento.

2 A forte pendularidade existente entre Macaé e municípios vizinhos, com destaque para Rio das Ostras, será abordada adiante.

3 Certamente o crescimento vegetativo não foi desconsiderado. Porém, segundo pesquisa domiciliar realizada pela Prefeitura Municipal de Macaé em 2004, o principal fator contribuinte para o crescimento populacional do município entre 1991 e 2000 foi a migração. Segundo o relatório geral da pesquisa, Macaé e Carapebus são os únicos municípios em todo o estado do Rio de Janeiro que apresentaram, nesse período, taxa líquida de migração superior ao crescimento vegetativo, ou seja, são os únicos municípios no estado que atraem mais pessoas do que geram.

4 Segundo Luis Claudio de Mattos Bogado, secretário municipal de Trabalho e Renda, ao chegar a Macaé o migrante esbarra na qualificação exigida pelas empresas como forma de cumprimento das metas estabelecidas pelos selos de qualidade, o que o impede de se inserir no mercado de trabalho, mesmo que conte com acúmulo de experiência na sua área de atuação.

5 O Programa Volta Pra Casa é polêmico e encontrou resistência na Câmara dos Vereadores, embora tenha sido aprovado. Funcionários da própria Secretaria de Assistência Social são contrários a ele. A assistente social Ana Dárcia, natural de Pernambuco e residente em Campos dos Goytacazes, desaprova o programa e conclui: "Temos o direito de ir e vir, mas também de permanecer".

6 Em 2000, o intervalo de saída dos ônibus da linha Macaé - Rio das Ostras, entre 6h e 19h, era de trinta minutos.